

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
24 de Outubro de 2020
A CINEMATECA COM O DOC LISBOA – A VIAGEM PERMANENTE
– O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA

TCHEMI BEBIA / 1929 “A Minha Avó”

Um filme de Kote Mikaberidzé

Argumento: Guiorgui Mdivani, Kote Mikaberidzé / *Direção de fotografia (35 mm, preto e branco):* Anton Polikevitch, Vladimir Poznan / *Direção artística:* Irakli Gamrekeli, Valerian Sidamon-Eristav / *Montagem:* não identificado / *Interpretação:* Aleksandre Takaichvili (*o burocrata*), Ielena Tchernova (*a sua esposa*), Ievgueni Ovanov (*o porteiro*), Akaki Khorava (*Sacha, o operário*), Mikhail Abessadze, Konstantine Lavretski, G. Absaliamova, Chalva Guedevanichvili, Chalva Khuskivadzé.

Produção: Sahkinmretsvil Goskinprom Gruz (Tiflis) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), muda, com intertítulos em caracteres cirílicos (além de alguns em caracteres *mkhedruli*) e em inglês, com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

Tchemi Bebia é apresentado com **Kristine**, de Aleksandre Tsutsunava, Guermane Goguitidze (“folha” distribuída em separado).

Sessão apresentada por Marcelo Felix

Tchemi Bebia / “**A Minha Avó**” é o primeiro e mais célebre filme realizado por Kote Mikaberidzé (1896-1973), depois de sete outros como ator (ele ainda realizaria mais duas longas-metragens e três curtas). Reconhecido desde sempre na sua Geórgia natal, Mikaberidzé ficou fora do radar dos historiadores ocidentais e, ao que parece, nunca teve grande prestígio na URSS, onde a produção russa sempre teve mais apoio do que a das outras repúblicas da federação. **Tchemi Bebia** foi proibido à época (segundo algumas fontes, só voltou a ser visto em 1967, por ocasião do cinquentenário da Revolução de Outubro) e, no entanto, o filme nada tem de “dissidente”, pelo contrário, o desenlace é uma pura e simples lição de moral bolchevique. O que causou a sua proibição não foi a sua forma - libérrima - pois em 1929 a URSS ainda estava longe dos cânones da aberração estética chamada “realismo socialista” e da petrificação que isto causaria em boa parte do seu cinema. O filme foi proibido simplesmente porque satirizava um aspecto da realidade soviética, doze anos após a revolução. Num artigo incluído num vasto estudo sobre o realizador, publicado em 2017, o crítico Thomas Tode argumenta que **Tchemi Bebia** não teria sido proibido se o realizador não o tivesse situado especificamente na União Soviética: “*Mikaberidzé errou ao levar a sério as diretrizes de Moscovo, a exigência permanente da ideologia oficial, que pedia uma «constante autocrítica», sem perceber que tratava-se apenas de uma fórmula diplomática, que devia ser usada ou abandonada consoante a ocasião*”. Isto corrobora o que diz Jay Leyda no seu clássico *Kino – a History of Russian and Soviet Cinema* (1960), em que o historiador americano explica que nos anos 30 houve longos debates na União Soviética sobre a comédia: como fazer uma comédia soviética? Por definição, uma comédia ou sátira critica aquilo que aborda e como criticar o que quer que seja no paraíso (soviético)?... A solução para esta quadratura do círculo foi fazer filmes “alegres” mas não críticos, se possível com vigorosos personagens de labregos, cujo modelo é **Vesyolye rebyata/Os Alegres Foliões** (1934), de Grigori Alexandrov (distribuído em Portugal a 14 de Fevereiro de 1936). Mas Mikaberidzé, que também tem uma abundante produção como pintor, teria a sua pior experiência com o regime no momento do degelo khrucheviano posterior ao XXº Congresso do Partido, em 1956. Equivocando-se mais uma vez quanto à natureza do regime, enviou

cartas anônimas a políticos e jornais, criticando violentamente o que lhe pareciam os erros e crimes do sistema e foi condenado a três anos de trabalhos forçados, que cumpriu integralmente. Ao ser libertado, aos sessenta e três anos, puseram-no a trabalhar na dobragem de filmes estrangeiros, ou melhor nas suas versões em *voice over*, com os diálogos originais em baixo volume e uma voz *off* a debitar em tom monocórdico os diálogos, em russo, pois esta era a tosca técnica utilizada na URSS, mantida até o fim do regime e o desmoroamento do país.

A história do cinema está cheia de agradáveis surpresas, de surpreendentes objetos cinematográficos pouco ou nada conhecidos e **Tchemi Bebia** é uma delas. Do começo ao fim, é um filme surpreendente, pois não obedece a regras estabelecidas ou convenções. Isto era bastante fácil no período mudo e no início do sonoro, mas Mikaberidzé faz jus à liberdade formal de que dispõe. A trama narrativa é extremamente simples e a situação não terá parecido insólita aos georgianos, como não o pareceria aos habitantes de muitos outros países: um burocrata que não faz nada é demitido e para reaver o cargo perdido tem de ter uma carta de recomendação da “avó”, eufemismo para designar um outro funcionário, que foi certamente subornado. O espectador é surpreendido, já nos planos de abertura, com cenários modernos e mesmo modernistas, não muito frequentes no cinema soviético (o filme tem basicamente três espaços: este, a casa do protagonista e a segunda repartição burocrática, onde todos trazem cartas das suas “avós”). Independentemente deste aspecto decorativo, não desprovido de ironia, Mikaberidzé e os seus dois cenógrafos encontram uma inteligente solução para o cenário da repartição burocrática. Em vez de vastos espaços vazios, com corredores infinitos ladeados por portas que desembocam sobre gabinetes aonde ninguém faz nada, preferem a concentração espacial e (talvez também por razões de economia) optam por um único cenário, uma assoalhada com uma mesa redonda, onde cada burocrata tem o seu “trono” e dispõe de um pouco de alta tecnologia, um elemento evidentemente irónico, pois a “tecnologia” associada ao dinamismo capitalista não é o que mais se associa à burocracia. As sequências iniciais formam uma versão moderno-burlesca de uma narrativa sobre a burocracia, tão inventiva como no cinema burlesco americano, do qual não há, no entanto, marcas evidentes no filme, nem sequer como *pastiche*. A partir do momento em que o burocrata, que não tem nome, tem de lutar para ser reintegrado ao seu posto, Mikaberidzé multiplica figuras de estilo (*paralíticos*, animação, bonecos) e ideias nada “realistas”, como a estátua de um homem nu que se anima (só para obrigar o outro a pôr uma beata no cinzeiro) ou a fúria da mulher do protagonista, seja quando ela dança de alegria, seja quando o persegue ou espanca. Como em muitas comédias mudas, o humor funciona por acumulação, com obstáculos sempre novos que se interpõem às tentativas do personagem, antes do abrupto desenlace, que faz o efeito de um alfinete numa bolha de sabão: os interlocutores do homem desaparecem de cada vez que ele lhes estende a carta da “avó”, até que bruscamete surge um personagem que víramos no começo: põe a todos no lugar e explica que a burocracia é um vício capitalista, inadmissível no mundo comunista. Em **Tchemi Bebia** a lição de moral e civismo é dada através de uma sátira, não de uma prédica para o espectador e é, ela própria, um dos grandes momentos cómicos do filme (talvez o que suscite as maiores risadas hoje em dia), com a vantagem de também servir de desenlace. Embora saibamos que a História do cinema está escrita e que é pueril tentar alterar o cânon no que refere os seus primeiros oitenta anos, é sempre um prazer descobrir um objeto insólito e feito com imaginação como este primeiro filme de Kote Mikaberidzé.

Antonio Rodrigues